

REVISTA OLORUN N. 10, Outubro, 2012

ISSN 2358-3320 <http://www.olorun.com.br>

OLÓDÙMARÈ: DEUS NA CRENÇA IORUBÁ E O PROBLEMA TEÍSTA DO MAL.

John Bewaji

African Studies Quartely, Volume 2, parte 1

Universidade da Flórida, U.S.A, 1998.

Tradução:

Luiz L. Marins

<http://www.luizlmarins.com.br>

2012

John Ayorunde Isola Bewaji é conferencista sênior em filosofia do departamento de línguas, linguística e filosofia da University of the West Indies, Mona Campus. Recebeu seu PHD em filosofia na Universidade de Ibadan, Nigéria.

INTRODUÇÃO ¹

Nos trabalhos pioneiros sobre estudos religiosos africanos por nativos e escritores ocidentais, Idowu, Mbiti, Parrinder, Ray, Tempels, e outros, mostraram que os africanos não são tão intelectualmente pobres a ponto de faltar uma sofisticada concepção do Ser Supremo. Este Ser é reconhecido, e Lhe é dada a primeira posição dentro de suas religiões. Estes estudiosos identificaram alguns dos atributos do Ser Supremo com as religiões nativas africanas que eles estudaram. Alguns destes atributos são muitos similares com o conceito das religiões cristãs do Ser Supremo: a Onipotência, a Onipresença, a Onisciência, a Benevolência, o Criador, etc.

Seus trabalhos estabeleceram pontos iniciais para futuros estudos e discussões, mas a maioria dos estudantes de religião preferem ignorar este aspecto nestas dignas contribuições, tomando seus trabalhos como definitivos e inquestionáveis. Mesmo quando um ponto de vista é contrário, estes trabalhos pioneiros são citados como autoridades para defesa, de forma que [os questionamentos] perdem credibilidade rapidamente.

Os africanos, particularmente os Iorubá, sobre quem escreveram Idowu, Mbiti e outros, indiscutivelmente possuem uma concepção do Deus Supremo. De fato, este Ser Supremo tem muitos atributos superlativos², mas a posse destas qualidades não combinam com o tipo de impasse ou contradição que existe na teísta cristã, ou seja, a incompatibilidade da existência de Deus e o mal no universo. Para permanecer estritamente dentro da religião Iorubá, estes escritores apresentam Olódùmarè como o Deus cristão ou o Alah muçulmano; e Èsù como Satã ou o Diabo.

1 Nota do tradutor - As notas originais, por serem “de referencia” alocadas no final do artigo, foram transladadas para o corpo de texto, visando facilitar o fluxo de leitura. Portanto, todas as notas explicativas de rodapé serão do tradutor.

2 Adj. Que exprime o auge da intensificação de uma qualidade: pessoa de virtudes superlativas. S.m. Gramática Grau de significação do adjetivo, que traduz uma qualidade elevada à sua maior intensidade. <<http://www.dicio.com.br/>>

Que estas interpretações são erradas e enganosas, e as consequências que produzem, serão argumentadas aqui.

OLÓDÙMARÈ: O SER SUPREMO ENTRE OS IORUBÁS

Justificando a necessidade da pesquisa da crença Iorubá no Ser Supremo, Idowu diz:

“ Em todos os trabalhos anteriores relevantes sobre a religião dos Iorubá, a Deus tem sido atribuído um lugar remoto, pouco preocupado com os acontecimentos. As poucas pessoas que realmente conhecem os Iorubá revelam um incomodo sentimento, que existe algo no mínimo inadequado sobre esta noção, e é este sentimento que me levou a investigar o que os Iorubá atualmente acreditam sobre Deus.” (Idowu, 1962, p.vii)

Tal concepção do Supremo Ser entre os Iorubá é equivocada, e é consoante com a atitude geral do colonialista europeu que, por ignorância, ridicularizou a cultura, costume, religião, organização política, ciência, comércio, etc., do assim chamado “povo primitivo” do mundo.

Com esta atitude, facilmente desculpa-se e justifica suas ações na subjugação e forte apropriação das colônias:

“Certamente, um povo que coloca o Ser Supremo 'um pouco acima' que alguns outros seres, ou que O coloca como o primeiro entre outros iguais, precisa ser inferior para aqueles povos que colocam Deus completamente acima e além do nível de outros seres.” (Parrinder, 1949, p. 12)

Tais povos necessitam de ajuda, por que:

“... o nativo diz que Ele goza de uma vida de completa ociosidade e repouso, ... e passa seu tempo cochilando e dormindo. Uma vez que Ele é tão preguiçoso e tão indiferente para exercer qualquer controle so-

bre os afazeres terrestres, os homens não perdem o seu tempo em cultuá-Lo, mas reservam seu culto e sacrificios para outros agentes mais ativos.” (Idowu, 1962, p. 140)

E, como diz Parrinder, de uma forma bastante ambivalente que mostra sua confusão e o dilema de um estudioso teólogo estrangeiro:

“Politeístas que justificam seu culto a deuses menores, quando pressionados, podem referir-se ao afastamento do céu, ou ao menos, uma resposta mais rápida de outros deuses. Estes são mais próximos a ele, mais aptos para intervir em sua vida, e de mais fácil acesso. Eles podem ficar irritados se forem negligenciados em favor de outros deuses.

Todo sacerdote [politeísta] dirá que seu deus é filho do Ser Supremo, e que ele fala através de seus filhos. Mas ele argumentará que precisa obter favores de todos os espíritos, e não apenas de um, para que os outros não retirem seus favores ou poderes ... acredita-se que Ele está muito distante para preocupações e necessidades humanas que os outros deuses, que são seus filhos ... em geral, o culto é irregular ... exceto ocasiões especiais, como uma viagem, a maioria das pessoas não tem um lugar especial para o Ser Supremo em suas vidas ... Preces são oferecidas para Ele a qualquer tempo e lugar, embora geralmente sejam preces individuais.” (Parrinder, 1969, p. 23-24)

Numerosas questões de interesse surgem desta passagem. Comentar sobre elas é somente para questionar como foram criadas, estas, e outros estudos similares. Primeiro, é a ideia do deus incertus e deus remotus de Westermann, que ele divulga (Parrinder, 1969, p. 24-5). Segundo, é a concepção das divindades como filhos de Deus – uma ideia importada (ou contrabandeada, como P'Bitek diria) dentro da concepção do parentesco entre Deus e as divindades da religião cristã. De todos os dados disponíveis, raramente existe alguma sugestão que Olódùmarè tenha filhos (D. Westermann, 1937, p. 65). Outras divindades são Suas criações; algumas estão com Ele e são ainda mensageiros para Ele, mas nenhuma conhece Sua origem.

De todo material existente, em lugar nenhum é categoricamente demonstrado que o povo Iorubá acredita que Olódùmarè teve filhos ou filhas. De fato, o único material que sugeriu que Olódùmarè teve filhos pode ser encontrado no trabalho do Dr. M. Akin

Makinde. É preciso lembrar que ele estava discutindo Emi ³, que é a noção de vida no homem ⁴. Assim, ele diz:

“A alma dá vida ao corpo, enquanto ori controla o destino humano. Emi é reconhecido como o filho de Olódùmarè (omo Olódùmarè) tendo-se em conta sua espiritualidade e imortalidade”. (Makinde, 1983, p. 45)

A palavra “filho” será melhor entendida por significar não filho ou filha, mas como significando “originário de”, por que, em outro lugar Makinde fala de Olódùmarè colocando o sopro da vida (emi) dentro do corpo moldado por Obàtálá (p. 50).⁵

Finalmente, a sugestão que Deus, por causa de Seu afastamento, é raramente lembrado ou perturbado em Seu sossego por aborrecimentos desnecessários, e que [ao mesmo tempo] Ele é chamado em todos os lugares, por qualquer um, durante todo o tempo por homens e mulheres, mostra-se ser uma questão de autocontradição. De fato, Idowu apontou o erro em supor-se que Olódùmarè não é cultuado. Idowu, Mbiti, Awolalu, e mesmo Parrinder (os fatos não podem ser ignorados) tem aparentes contradições em seus próprios trabalhos, mas estes erros têm persistido, apesar deles, ou por causa deles (Idowu, 1962, p.140-141).

Kato, por exemplo, diz [sobre Mbiti]:

“A maioria dos seus escritos dizem respeito à filosofia básica da teologia africana. A premissa básica parece ser a pressuposição que as religiões tradicionais africanas são sistemas bem organizados. Ele assume que o animismo na África não somente conhece a Deus, como O cultua ... Mas contradição não é o principal problema da teologia de Mbiti. É este universalismo que representa uma ameaça para o Cristianismo

3 A palavra correta é *èmí* e tem o sentido de espírito eterno. Não confundir com *èémí*, “respiração”.

4 Trata-se do conceito Iorubá de Noção de Pessoa. Extenso material pode ser encontrado na Revista Olorun <www.olorun.com.br>, e no site Cultura Iorubá <<http://www.luiizmarins.com.br/>>.

5 Este parágrafo originalmente era a única nota explicativa de Bewaji, a de n. 8, e foi aqui transladada para o corpo de texto.

Bíblico na África. Seu grande entusiasmo em africanizar o Cristianismo, embora feito de boa fé, é uma grande ameaça à fé que foi direcionada aos Santos. (Kato, 1975, p. 56-57)

Para Kato, concepções tradicionais de Deus na África são imperfeitas, inferiores e indignas de Sua Divina Supremacia, [e segundo ele] somente os talentosos semitas do primeiro século tiveram uma visão clara. Alguém pode perguntar [a ele]: E sobre o Islã e outras religiões do mundo? Sua resposta será uma óbvia zombaria. [Paradoxalmente] ele cita Okite falando do [livro] *Concepções de Deus na África*, de Mbiti:

“... um projeto de pesquisa maciça de St. Anselm que intenciona provar que mesmo para África, Deus é maior que tudo, tão grande que nada maior pode ser concebido” (Ibid., p. 70).

Agora, a autocontradição de um ser racional no nível encontrado em Kato, é certamente inexcusável, pois como um pastor, ao ameaçar o Cristianismo bíblico, é como ter praticado um crime contra sua fé. Como pode alguém cristão fazer tal blasfêmia, comparação ou analogia?

Assim, seu esforço falha, e sua tardia tentativa de uma antologia⁶ visando mostrar o Deus africano como um Ser o qual nada maior pode ser concebido, é condenada “desde o início”.

[Kato complementa:]

“Nós devemos eliminar todas as crenças não-cristãs, religiões, culturas, ideias e todos os povos não-cristãos (projeto absurdo), tornando a Terra segura para a segunda vinda do Salvador – a menos que se arrependam. A transplantação do Cristianismo (e Islã) no Oriente Médio, a cultura Árabe com seus apêndices Greco-romanos precisam ser totais, se a humanidade na África deseja ver a verdadeira luz”. (Ibid., p.75)

6 S.f. Coleção de trechos escolhidos, literários ou musicais, coletânea. Idem.

Somente a conquista desse objetivo agradaria Kato. Para abreviar, podemos sintetizar o que veio a ser flagrante diante das considerações expostas:

- ⤴ Primeiro, os escritores antigos não creditam aos africanos (os Iorubá) nenhum conhecimento de Deus.
- ⤴ Segundo, fatos irrefutáveis negaram tal posição; assim, os estudiosos agora creditam os Iorubá com ideias, concepções e até mesmo culto – ainda que simples – de Deus. O momento é de ajudar o desenvolvimento sobre a conscientização dos estudiosos africanos mergulhados na persuasão teológica cristã.
- ⤴ Terceiro, a discussão então mudou da ontológica⁷ questão da “existência” de Deus, para a “concepção” dos povos [africanos] sobre Ele. Isto é, os Iorubás tem realmente uma ideia adequada de Deus? Como ela é, de fato?

[Na África] não há Monte Sinai ou Horebe, não há pastos verdes, mas somente densas florestas. Assim [segundo eles], as revelações que [os africanos] podem ter será de divindades menores relacionadas com a fertilidade, enormes rochas, e árvores”. Esta é a posição de Kato, e todos aqueles com pretensões intelectuais similares. Okot P'Bitek tem um capítulo sobre a desmitificação⁸ e dehelenização⁹ do Deus africano em seu seminal¹⁰ volume *African Religious in Western Scholarship*, Kenya, 1970.

Assim, o ônus mudou novamente sobre o estudioso africano, o qual sempre esteve numa posição de fraqueza. “Um povo colonizado precisa lutar de todas as formas para assegurar seu direito de igualdade com os outros.” Então, introduziram uma quarta dimensão do contrabando intelectual de suas crenças cristãs dentro do terreno religioso da África:

7 Adj. Relativo à ontologia. *Ontologia*: s.f. Filosofia. Ciência do ser em geral, que considera o ser em si mesmo, independentemente do modo pelo qual se manifesta. *Idem*.

8 S.f. Ato ou efeito de desmitificar. *Desmitificar*: v.t. Desfazer um mito, tirar o caráter de mito; Por extensão: despojar de consagração (alguém ou algo). *Idem*.

9 No sentido contrário de *Helenizar*: v.t. Ajustar aos moldes gregos; v.i. Dedicar-se às coisas gregas. *Idem*.

10 Adj. Relativo ao sêmen ou à semente: líquido seminal. *Idem*. / [n.t.] no sentido figurado de trabalho pioneiro e original do qual partem todos os outros.

helenizaram¹¹ e vestiram o Deus africano numa roupagem emprestada, como se sempre estivessem nus! Nestas tentativas, alguns problemas surgem.

Isto tem sido assim por causa das categorias e atributos conceituais que eles tem usado. A este respeito, Kato está certo quando acusa Idowu, Mbiti e Awolalu, etc., de helenizar o Deus africano. Enquanto Okot P'Bitek chamou de “desmitificação e dehelenização” do Deus africano, Kato tem chamado de “erradicação” do Deus africano, o que corresponde a uma total irrealdade (Kato, 1975, p.77). Mas estas tentativas nem mesmo consideraram se tais conceitualizações do Supremo Ser, pelos escritores, são verdadeiras diante dos fatos avaliados. O trabalho de P'Bitek surgiu do nacionalismo¹², enquanto que o trabalho de Kato surgiu do ecumenismo¹³. P'Bitek mostrou que “o contrabando intelectual é um crime acadêmico” que deveria ser purgado, e a solução consiste na elucidação de seus enganos.

Um destes enganos foi a ausência de uma discussão clara sobre as relações entre Olódùmarè e o mal. Como diz Kato: “...outro problema na apresentação de Mbiti é a ausência de qualquer referência ao mal atribuído a Deus nas religiões tradicionais africanas.” (Kato, 1975, p. 77)

Agora, Kato parece dizer que Olódùmarè é parcialmente mal (isto é, usa interpretação do entendimento do mal pelos africanos). Isto precisa ser submetido a um exame mais detalhado. É este e outros assuntos relacionados que constituem o ponto de partida deste ensaio, a partir dos trabalhos de Mbiti, Idowu, e outros. Quando os pesquisadores da teologia¹⁴ africana discutem os atributos de Deus entre os africanos, eles ignoram o pro-

11 Ver nota 9.

12 S.m. Preferência determinada pelo que é o próprio à nação à qual se pertence. Doutrina que reivindica para a nação o direito de praticar uma política ditada unicamente pelos seus interesses, opondo-se a qualquer associação suscetível de limitar-lhe a liberdade de ação. Movimento social de indivíduos que tomam consciência de formar uma comunidade em virtude dos elos étnicos, linguísticos, culturais etc., que os unem. Idem.

13 S.m. Tendência à universalidade da união; em particular, à união de todas as igrejas cristãs numa única igreja universal. Idem

14 S.f. Estudo da religião e das coisas divinas. A palavra vem do grego *theos*, que significa Deus, e lo-

blema do mal. Os atributos que eles descrevem para Olódùmarè são, de acordo com Idowu, que Ele é “o Criador, o Rei Onipotente, Onisciente¹⁵, Juiz, Imortal e Santo” (Idowu, 1962, p. 38-47). Em outro trabalho [diz que] “Olódùmarè é Único, Real, Administrador e Uno” (Idowu, 1973, p. 149-165).

De acordo com Mbiti, Deus (Olódùmarè) em adição a estes atributos listados por Idowu, tem outros atributos tais como: Transcendente, Imanente, Autoexistente, Preeminente¹⁶, Grande, Poderoso, Imaterial, Misterioso, Unitário, Misericordioso, Bondoso, Amoroso, Fiel, Gentil.

Todos estes atributos, quando copresentes e elevados ao máximo no Supremo Ser, tornam evidentes o problema do mal em qualquer religião. Este problema tem se mantido como um câncer na religião judaico-cristã, e tem sido a fonte de um forte ateísmo¹⁷, ceticismo¹⁸ e agnosticismo¹⁹.

Faremos um breve exame deste problema e como ele surge na religião cristã, e perguntar se este problema é igual, e até mesmo se existe, no entendimento Iorubá de Deus (Olódùmarè).

gos, descrição, e refere-se apenas à interpretação da doutrina de Deus. Mas a teologia moderna abrange o estudo das várias religiões e a relação entre religião e necessidades humanas. Idem.

15 Adj. Que sabe tudo, que possui Onisciência: o Deus Onisciente e Único é o dogma das religiões monoteístas. Idem.

16 Adj. Que tem preeminência; que ocupa posição mais elevada. Superior; distinto. Idem.

17 S.m. Convicção de que Deus não existe. O termo é por vezes confundido com agnosticismo, a crença de que é impossível saber a natureza de Deus. O termo é frequentemente empregado de forma errada. Idem.

18 S.m. Qualidade de quem é cético; atitude daquele que duvida de tudo; descrença. Filosofia. Doutrina que se baseia na suspensão dos juízos afirmativos ou negativos, sobretudo em matéria de metafísica: Pirro defendia o ceticismo universal. Idem.

19 S.m. Qualquer doutrina que declara o absoluto inacessível ao espírito humano ou que considera vã qualquer metafísica. Idem.

O PROBLEMA TEÍSTA FILOSÓFICO DO MAL

O problema teísta filosófico²⁰ do mal pode ser devidamente analisado observando-se a seguinte passagem de Quinn. Das religiões teístas, ele diz:

“... De acordo com os teístas, as pessoas são chamadas para cultuar a Deus. Teístas normalmente sustentam que sua reverência e adoração são as respostas adequadas para Ele. Esta visão pressupõe que Deus merece ser cultuado. Se um ser não é digno de culto, então certamente o culto dirigido a este será amplamente inapropriado. Mas quais características deve ter um deus para ser cultuado? Parece que somente um deus moralmente perfeito poderia ser digno de um culto não qualificado, típico de um culto teísta. Um deus cuja moral está abaixo da perfeição, pode receber admiração, mas nunca adoração. É por isto que é essencial para o teísta ortodoxo que Deus deve ser imaginado como perfeitamente bom.” (Sontag & Bryant, 1982, p. 199)

Que o cristianismo e outras religiões teístas acreditam em Deus, isto é um componente básico destas religiões. Estas religiões não teriam mais significado e perderiam seus seguidores e devotos, se o Deus Chefe não for “perfeito”. Assim, a afirmação da existência de um Deus perfeito é uma necessidade. Entretanto, a afirmação da existência [de tal Deus perfeito] tem às vezes surgidas de diversas direções cognitivas²¹ e fontes sincréticas²² em um absoluto critério epistêmico²³. Para apoiar a crença que Deus existe, alguns apoiam-se na revelação, no qual Deus revelou a Si Mesmo, de várias formas apropria-

20 Adj. Que diz respeito à filosofia, próprio da filosofia. *Filosofia*: s.f. Conjunto de concepções, práticas ou teóricas, acerca do ser, dos seres, do homem e de seu papel no universo. Atitude reflexiva, crítica ou especulativa, de elaboração de tais concepções. Conjunto de toda ciência, conhecimento ou saber racional. Reflexão crítica sobre os fundamentos do conhecimento (valores cognitivos), da lógica, da ética e da estética (valores normativos). Sistema de princípios que explicam ou sintetizam determinada ordem de conhecimentos: filosofia da história. Sistema particular de diretrizes para a conduta: adaptar sua filosofia às circunstâncias. Sistema de um filósofo: a filosofia de Aristóteles. Conjunto de doutrinas de uma escola, época ou país: a filosofia grega. Sabedoria de quem suporta com serenidade e firmeza os acidentes da vida: receber um mau golpe com filosofia. Idem.

21 Adj. Relativo à cognição; cognoscitivo. *Cognição*: s.f. Faculdade, ato ou ação de conhecer; aquisição de um conhecimento. Idem.

22 Adj. Relativo ao sincretismo. *Sincretismo*: s.m. Sistema filosófico ou religioso que tende a fundir numa só várias doutrinas diferentes; ecletismo. Amálgama de concepções heterogêneas. Idem.

23 Adj. Relativo à episteme. Episteme: [Filosofia] 1. Conjunto de diversos saberes relativos a uma época; 2. Conhecimento científico, por oposição à opinião sem fundamento, sem base, ou sem reflexão. <<http://www.priberam.pt/DLPO/>>

das a cada circunstância, para certas pessoas como Moisés, Mohamed, e o escritor do Apocalipse na Bíblia Sagrada.

Outros reivindicam conhecimento do Numinoso²⁴ por Sua intuição direta de seu Ser. Outros acrescentarão razões morais para apoiar tal conhecimento. Alguns outros usarão a natureza do cosmos para apoiar sua afirmação epistêmica, enquanto ainda outros reivindicarão o conhecimento por uma questão de fé. Seja qual for o método de descoberta cognitiva, Deus é encontrado em todas as formas de teísmo²⁵, e certos atributos são intrínsecos²⁶ para Sua natureza, para merecer uma exaltada e não paralela devoção e culto.

Embora pudesse ser filosoficamente interessante analisar o ateísmo, agnosticismo, e claro, teísmo, por este tipo de entendimento filosófico, isto não é diretamente relevante para nossa discussão do problema do mal. Nosso interesse é com a natureza de Deus no teísmo, pois esta natureza também tem certos atributos, e é a consequência destes atributos que põe em foco o problema do mal, diante da realidade que nos cerca.

Voltando para Quinn, em seu engenhoso e lúcido ensaio citado, numa clara visão dos desdobramentos da questão, ele afirma que:

“Teístas também sustentam que Deus criou os Céus e a Terra. Deus é, portanto, ao menos responsável pelo bem e o mal das coisas contingentes do cosmos. Teístas não podem evitar a discussão com o problema do mal. Como poderia um Ser perfeitamente bom criar um mundo não tão bom, se Ele podia fazer

24 Adj. (lat numen+oso) Segundo a filosofia da religião de Rudolf Otto, aplica-se ao estado religioso da alma inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade. <<http://www.dicio.com.br/>>

25 Conceito teológico que admite a revelação e a interação de Deus para com a humanidade, seja diretamente ou através de divindades. Por sua vez, o teísmo tem várias subdivisões conceituais, algumas completamente opostas. O teísmo cristão superlativa Deus com todos os atributos positivos, reconhecendo no diabo todos os superlativos negativos, diferente do teísmo judeu, que admite vir tanto o bem, como o mal, do mesmo Deus. Contrapõe-se ao “deísmo”, conceito que admite a existência de Deus, mas que este não se revela e não interage com a humanidade. Para saber mais: . <<http://espacodomacom.blogspot.com.br/2008/11/tesmo-desmo-atesmo.html>>

26 Adj. Que é próprio e essencial: qualidade intrínseca. Que existe por si mesmo, fora de qualquer convenção. Idem.

melhor? E [ao questionarmos] se um Ser digno de adoração poderia criar um mundo melhor do que ele fez, é compromisso teísta afirmar que este é o melhor de todos os mundos possíveis.”²⁷

Assim propriamente compreendido o Divino Ser, digno de culto nas religiões de grandes livros sagrados (e aqui o ponto de referência são cristãos e muçulmanos), Ele tem sido conceituado de tal forma que tem todos os graus [positivos] superlativos e ilimitados, mas nenhum atributo negativo, [de tal forma que] como o maior Ser concebível, não falta-lhe nenhum atributo ou predicado positivo - Mas é isto o que a realidade contradiz.

Porque, se este Ser Supremo assim concebido criou o mundo habitado por humanos tão organizados, então é preciso pelo menos dar conta dos males e doenças naturais que atormentam o universo criado por este Ser. Pode-se deixar de lado os males morais, econômicos, sociopolíticos, etc., como sendo dependentes [da ação] do homem, e como tal, evitáveis, se o homem assim desejar. Simplificando, o problema do mal para o teísta é:

- ⤴ Se Deus é Onipotente, Onisciente, Criador (causa sui ou prima causa)
- ⤴ Todo Amor, Todo Bondade, Todo Misericordioso, então como nós podemos explicar o mal?
- ⤴ Deus causa o mal?
- ⤴ Se Deus não causa o mal, então quem o causa?
- ⤴ Quem criou a causa do mal?
- ⤴ O criador do mal tinha conhecimento de todo presente, passado e futuro?
- ⤴ Ou, é Deus Todo Amor, Todo Bondade, Todo Poder, mas não pode impedir o mal (o que é obviamente um absurdo)?
- ⤴ Ou Deus não deseja impedir o mal? (Bewaji, 1985, p. 343-344)

Este é o dilema que o teísta tem que encarar diretamente! O Cristianismo e outras religiões monoteístas conceptualizadas desta forma, não tem uma maneira fácil de escapar

27 Contingente: S.m. Parte que cada um deve fornecer ou receber; cota. Idem

deste duplo dilema, ou de contorná-lo.

Se disserem que Deus não cria o mal, teriam que admitir que não há mal no mundo, o que é evidentemente falso, a menos que nós redefinamos nossas concepções. Ou que alguém criou o mal, o que significa que Deus não criou todas as coisas. Mesmo com esta ressalva, ainda permanecerá o problema de quem criou o criador do mal – ou então que o mal é autocriado, o que igualmente não convence. Se disserem que Deus não deseja erradicar o mal, isto significa que:

- ♣ ou Ele não tem poder para acabar com o mal,
- ♣ ou Ele é sádico e malevolente, opções que são totalmente inaceitáveis para o teísta.

Então, não vemos saída para o problema sem, ou redefinir e limitar os atributos de Deus, ou tornar-se ateísta, ou ao menos, agnóstico.

A tentativa mais comum para solucionar o problema dentro do Cristianismo e do Islã consiste em dizer que Lúcifer, ou Diabo, ou Satã, o qual era formalmente o anjo assistente de Deus, é o causa ou a origem de todo mal no universo. Ele era um anjo bom encarregado com poderes e subordinado apenas a Deus, mas que, por causa de sua ambição e conspiração, tornou-se um demônio totalmente mau. Embora seja capaz de aparentar uma bondade temporária, seja qual for a forma que ele use, são com finalidade de executar seus diabólicos planos do mal. Assim apresentado, ele é o Diabo. O que um bom cristão ou muçulmano deve fazer é carregar sua armadura de defesa aliando-se com armas de salvação de Deus, e lutar contra o único mal – Satã, o príncipe das trevas.

Algo assim tão persuasivo e simples, obviamente não pode escapar de objeções, ou ao menos, reconsiderações. Se Deus é Todo Poder e Toda Bondade [e conhece o passado, o presente e o futuro] ... Ele não deveria ter criado Satã ou Lúcifer. Se ele criou Satã errado, não deveria ser difícil para Ele corrigir o erro e melhorar Satã, a menos que Ele não seja, em contrapartida, Todo Poderoso.

Antes de considerarmos este problema e como ele diz respeito a Olódùmarè entre o povo Iorubá, deve ser enfatizado que o problema do mal não surge no contexto religioso do velho testamento. Ali Deus podia e exerceu Seus poderes para realizar o que Ele designou e desejou – cujo desejo está de acordo com a máxima retidão e justiça, ainda que este pensamento de justiça seja dentro de uma perspectiva judaica. Assim, ele causou a destruição do exército do Faraó, causou um tremor de terra para destruir as muralhas de Jericó, e comandou Saul para matar totalmente os Amalequitas.²⁸

Havia ali o Criador que permanecia firme por justiça e somente perdoava o penitente que fazia as expiações e remissões por seus pecados contra Ele e Seu povo escolhido. Em nenhum lugar foi Deus reconhecido no velho testamento como um mal por fazer estas coisas que causaram grandes sofrimentos às pessoas. Mesmo o episódio do novo testamento, cujos demônios foram enviados para dentro dos porcos, os quais depois pereceram no mar, foi interpretado pelos evangélicos como uma coisa boa – sem levar em contar o investimento dos proprietários dos porcos, que não eram judeus.

No plano extrateológico, alguém pode perguntar uma relevante questão epistemológica: Qual a fonte do entendimento, de que o criador do mal é Satã ou Lúcifer.

- ⤴ Baseou-se em que?
- ⤴ Testemunho ocular?
- ⤴ Conclusão derivada do assunto?
- ⤴ Mera especulação dos fenômenos e desastres naturais?
- ⤴ Reflexão sobre o sofrimento humano?
- ⤴ Porque lutamos com um inimigo sobre o qual nós sabemos muito pouco?
- ⤴ Como teremos certeza que Lúcifer é a origem de todo o mal, e não apenas o

28 “Vá, pois, agora e fere a Amaleque, e destrói totalmente a tudo que tiver, e não lhe perdoes, porém matarás desde o homem até a mulher, desde os meninos, até os de peito, desde os bois até às ovelhas, e desde os camelos até os jumentos”. 1 Samuel 15:3 <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/1sm/15>>

bode expiatório um deus teísta?

Tais questões certamente não receberão atenção de um teísta comprometido, ainda que elas sejam relevantes e não diminua seu comprometimento com seu Deus, ele apenas aumentará a sua forma de entender o seu Deus. Eu não vejo como pode ser pior para o homem, o entendimento de que Deus pode recompensar ou punir, com o bem ou mal, de acordo com a bondade ou maldade humana, como mostra o antigo testamento.

A QUESTÃO DO MAL NA FILOSOFIA DA RELIGIÃO IORUBÁ

É simplesmente uma questão acadêmica começar dizendo que o povo Iorubá tem muitas divindades, através das quais, cada grupo aproxima-se de Olódùmarè. Isto significa que não é nenhum um que pode falar da religião Iorubá tradicional. Tal linha de raciocínio nos ajudará no crucial trabalho de entender como os Iorubá concebem o mal, antes do cristianismo.

Tanto quanto é racionalmente possível, deve-se enfatizar que o problema do mal, não foi, não é, e não necessita ser analisado dentro da religião tradicional Iorubá. De fato, esta afirmação axiomática²⁹ necessita da máxima ênfase, e apesar de todos os esforços para mostrar o contrário, somente esta conclusão parece ser algo aceitável e defensável.

Olódùmarè tem todos os atributos que Idowu, Mbiti, Awolalu, Dopamu, e outros teólogos estudiosos anotaram, isto é, Olódùmarè é a origem do universo, e Ele é o Ser o qual ninguém maior pode ser concebido.

Permita-nos considerar alguns destes atributos, particularmente aqueles que tem gerado o dilema de como explicar o mal no cristianismo. A este respeito, seremos breves, apresentando os fatos como são apresentados por outros estudiosos, e como são encontrados

29 De axioma. “Proposição tão evidente que não precisa ser demonstrada”. <[Dicionário on line Priberam](#)>

na religião tradicional Iorubá.

a) Olódùmarè é o Criador, Cause e Origem de todas as coisas. Aqui Idowu diz:

“ ... nós aprendemos que as divindades vieram a existir através de Olódùmarè e que o ato da criação da terra foi delegado por Ele. Todas as coisas no céu e na terra devem sua origem a Ele. No seu atributo de Criador, Ele é conhecido como Eleda (Elédàá). Ele é a origem e o Doador da vida, e dentro desta capacitação Ele é chamado ele Elemi (Elémí), o Senhor do espírito, ou, o Senhor da vida.” (Idowu, 1962, p. 39; Mbiti, 1969, p. 40 e 1970, p. 47)

A evidencia que Olódùmarè é Criador de todas as coisas, é apresentada praticamente em todos os relatos do relacionamento entre Olódùmarè e o universo. Onde Ele não agiu ou criou diretamente, Ele delegou as divindades para criar, e supervisionou o trabalho da criação. Assim, ele cria ambos, o bom e o ruim, o bem formado e o mal formado, a estação da chuva e a estação da seca. É Nele que deve ser procurada a causa de todas as coisas, e todas as coisas que existem tem uma razão e pode ser compreendidas pelo pensamento.

b) Olódùmarè é a Mais Poderoso Ser para O qual nada pode ser maior ou menor, estar acima ou abaixo:

“Os poderes dos reis, ancestrais, anciões, feiticeiras, herbalistas, curandeiros, divindades, etc., são todos derivados de Olódùmarè, limitados e limitáveis por Ele. É esta característica que, na linguagem dos padres e estudiosos homens da Igreja, se entende por Onipotência. Isto não pode ser questionado, uma vez que o Iorubá obviamente acredita que todo o bem e o mal tem sua origem a partir de Olódùmarè.” (Idowu, 1962, p. 40-41)

Aqui, como em toda a criatividade de Olódùmarè, não devemos nos surpreender que todo o bem e o mal estão sob o controle e supervisão de Olódùmarè. Em última análise, cada uso próprio ou impróprio de algum poder, é objeto para o julgamento final de Olódùmarè. Desta forma, os malfeitores nunca escapam da punição.

c) O conhecimento de Olódùmarè é incomparável, por isso, não há igual:

Tendo evitado o uso da expressão clássica e neoclássica Onipotência, é também aconselhável evitar o uso da palavra Onisciência, no sentido mais abrangente do conhecimento e sabedoria do Supremo Deus entre o povo Iorubá. Isto não é porque Ele tem dificuldades conceituais e dilemas engendrados. Não há controvérsias quanto ao fato de que Olódùmarè ter o máximo conhecimento.

Entretanto, o fato de que algumas coisas acontecerem “sem que Ele veja” é confirmado no aspecto prático da criação, manutenção e funcionamento do universo, aqui, ali, e em todo lugar, incluindo até mesmo o domínio de Olódùmarè (òrun ou céu). Ele utiliza o recurso de Ifá-Òrúnmilà, sua a sabedoria e os meios para discernir a situação dos acontecimentos passadas, presentes e futuros.

Esta sugestão referente à limitação do conhecimento de Olódùmarè, tem sido um dos principais argumentos para a contradizer aqueles que utilizam-se dos conceitos ultrapassados de Idowu, e reforçada pelo estudo de religiões comparadas. Por isso, é importante apoiá-lo com exemplos concretos a partir de extensos materiais dentro da tradição Iorubá. No trabalho de Idowu encontramos:

1. O relato de como a terra sólida foi criada relatado pela delegação de algumas divindades para realizarem o trabalho, como o trabalho foi realizado, e como Olódùmarè foi informado, na volta das divindades. (Idowu, 1962, 18ss)
2. Uma vez Olódùmarè consultou o oráculo para saber mais sobre Sua possível morte, e nós ouvimos esta passagem de Ifá dizer (Idowu, 1962, p. 43)

1. Ogbè'yèkū:

Kòròfo, awo Àjà-Ilè
L'ó d'Ifá fun Olódùmarè
T'o so wipe nwon ò ni'gbó ikú rè laílaí

Korofo, o sacerdote de Àjà-Ilè
Foi aquele que consultou Ifá sobre Olódùmarè
E declarou que a notícia de sua morte
Nunca seria ouvida, para sempre.

Outra passagem diz:

2. Ogbè'yèkū:

Olódùmarè sà'ye, ã kú mó
Gbogbo orí nfun puru-puru-puru

Olódùmarè esfregou sua cabeça com iyè-iròsùn, Ele nunca morrerá
Toda Sua cabeça veio a ser grisalha.

Todos os versos foram registrados em Ogbè Òyèkú, conforme Idowu. Entretanto, as traduções inglesas providas por ele não são as mais apropriadas ou as mais acuradas e fiéis [à versão Iorubá].

A tradução da segunda linha, do primeiro verso, fala como se não fosse o próprio Olódùmarè que consultou Korofo, o awo de Àjà-Ilè, dando a entender que Korofo, sem nenhuma solicitação, fala sobre Olódùmarè.³⁰

30 O verso *L'ó d'Ifá fun Olódùmarè* significa "Foi aquele fez *Ifá* para *Olódùmarè*". Para melhor justificar a crítica de Bewaji à tradução "equivocada" de Idowu, inserimos o verso Iorubá conforme consta no original, de Idowu. Podemos ver que Idowu traduziu para o inglês como "*Is the one which consulted the oracle about Olodumare*" (Foi aquele que consultou *Ifá* sobre *Olódùmarè*), no claro propósito de inverter o sentido Iorubá para transparecer que não teria sido *Olódùmarè* que consultou o *Ifá*, mas sim, que teria sido o babalaô que consultou *Ifá* sobre *Olódùmare*, por sua própria conta, numa clara

O segundo verso fala do oráculo assegurando a imortalidade de Olódùmarè. Assim devidamente compreendido, é obvio que foi Olódùmarè que realizou a consulta. Na mesma linha, Òkànràn-Òsàà diz (Idowu, 1962, p. 44):

Òdomodé ki'gbó'kú aso

Yéyáyé l'aso'gbó

Agbàlágba ki'gbó'ku aso

Yéyáyé l'aso'gbó

Òdomodé ki'gbó'kú Olódùmarè

Yéyáyé l'aso'gbó

Agbàlágba ki'gbó'kuOlódùmarè

Yéyáyé l'aso'gbó

O jovem nunca ouviu que sua roupa morreu

A roupa velha usa-se como remendo

O ancião nunca ouviu que sua roupa morreu

O jovem nunca ouviu que Olódùmarè morreu

A roupa velha usa-se como remendo

O jovem nunca ouviu que Olódùmarè morreu

A roupa velha usa-se como remendo

Apesar da pitoresca e onomatopeica apresentação da estrofe, alguém pode ter em mente a crucial elucidação feita pelo próprio Idowu, e que é de singular importância sobre as considerações dos atributos de Olódùmarè. Ele diz:

“ O mito conectado com este verso diz que foi o próprio Olódùmarè que procurou os meios da imortalidade. Ele foi avisado para fazer alguns sacrifícios e providenciar para Ele mesmo um largo pedaço de pano branco. Quando os ritos necessários foram realizados, o pano branco foi aberto sobre ele, de forma que

manipulação imprópria do texto Iorubá, como vem atualmente fazendo alguns iorubás aculturados com as religiões estrangeiras.

ele foi completamente coberto. Desde este tempo ele veio a ser imortal.” (Ibid.)

Ao contrário da tradução anterior má interpretada, podemos observar que Idowu foi fiel às suas fontes nesta passagem. Ele foi capaz de livrar-se das algemas das classes ontológicas, e das demandas teológicas cristãs. Há vários exemplos [de Idowu] relatando a Onipotência, Onisciência e Criatividade de Olódùmarè, mas apenas mais um exemplo será citado. Então, Idowu diz:

“ ... existe uma história que conta que o próprio Olódùmarè ficou uma vez perplexo sobre um assunto muito importante. Todas as outras divindades tentaram, mas falharam ao tentar desvendar o motivo de sua perplexidade; somente Òrúnmilà teve sucesso colocando seu dedo na fonte do problema ...” (Ibid p. 77)

Isto mostra que embora Olódùmarè tenha a supremacia da sabedoria, ele dotou uma divindade com o trabalho de divinizar as causas dos problemas, orientando curas, remédios e conselhos. Para suavizar a profunda implicação deste fato, Idowu então declara:

“Obviamente, esta história foi formulada para realçar a importância de Òrúnmilà, sem qualquer concepção de que isto venha diminuir os atributos de Olódùmarè de ser Todo Sabedoria.” (Ibid. p. 77)

Contrariando Idowu, este fato não tem nenhuma uma reprovação pelos Iorubá, nem apresenta qualquer incongruência em seus conceitos de Olódùmarè. Também, de nenhuma forma diminui a qualidade de Olódùmarè, de ser “Todo Sabedoria”. Isto é porque equivocadamente, Idowu supõe que, uma vez que foi Olódùmarè, que criou Òrúnmilà com sua sabedoria, os atributos de um ser criado não podem equivaler-se aos atributos do Criador. Esclarecendo este ponto, Wande Abimbola sugere:

“De acordo com mitos, numa ocasião quando não havia separação entre o céu e a terra, Ifá foi encarregado por Olódùmarè para usar sua grande sabedoria para resolver os problemas para ele.” (Abimbola, 1976, p. 5)

A fidelidade de Abimbola resulta do fato de que ele estava trabalhando com o Corpus Odu de Ifá, como uma forma de personificação da sabedoria de Olódùmarè na forma de um legado à Òrúnmilà. Ele não estava preocupado com a definição dos atributos de Olódùmarè. Neste trabalho, ele reconta uma história da discórdia ente um sacerdote de Ifá e Òrúnmilà, e como Olódùmarè questionou a ambos os lados sobre a disputa (Abimbola, 1976, p. 45 e 107). Os Iorubá não veem nenhuma incongruência nisto, por que justiça demanda imparcialidade, concernente em qualquer disputa.

À parte disto, “se o filho é sábio, é por que o pai é sábio, e este é o fundamento que construiu Ilè-Ifé”, como diz um ditado popular Iorubá, significando que ninguém pretenderá ter todo o conhecimento. Nós retornaremos nestas questões depois. Por enquanto, permitam-nos considerar outro atributo de Olódùmarè, o Supremo Ser entre o povo Iorubá.

d) Olódùmarè é o Supremo Juiz:

Na religião tradicional Iorubá, muitos atributos são coincidentes com a bondade de Olódùmarè. Isto inclui imparcialidade de julgamento, pois quando um caso é levado diante Dele, Ele ouve atentamente ambos os lados. Deus executa a justiça com equidade compassiva, mas ele não permite desonestidade ou esperteza maliciosa. Como um Supremo Rei, após sua corte não há outra corte de apelação ou revisão de erros. Por este motivo Ele não toma decisões arbitrárias que conflitem com os ditames de justiça. (Idowu, 1962, p. 40ss)

Agora, ocasionalmente, por causa da limitação do nosso entendimento de Deus, o homem pode imputar julgamentos imperfeitos julgamentos ou ações para Olódùmarè, o que para o Iorubá, isto apenas enfatiza o fato que Olódùmarè está acima da compreensão humana. Se nós tivéssemos acesso a todos os fatores antecedentes e eventos futuros, seria-nos possível entender completamente as ações de Olódùmarè. Somente Òrúnmilà tem acesso a este tipo de conhecimento e o ajuda na assistência do universo. A inescapa-

bilidade do julgamento na crença Iorubá comentada por Idowu, como segue:

“Olódùmarè é a palavra final de todas as coisas. Ele é o Juiz. Ele controla o destino do homem e cada um receberá Dele, como merece. Mas aqui na Terra o julgamento já começou para todos os homens, de acordo com seu caráter ... e é Olódùmarè que julga o caráter. (Ibid, p. 42)

E Mbiti diz:

“Em muitas sociedades, acredita-se que Deus pune individualmente através de doenças, desgraças, esterilidade, ou morte. O Iorubá considera Deus como Juiz sobre todos, e quando a desgraça acontece, as pessoas dizem: “Ele está debaixo do chicote de Deus”. (Mbiti, 1970, p. 77)

Em um outro trabalho relacionado a este assunto, escrevemos:

“Não há dúvida que Deus é o mais poderoso Ser, e que Ele tem todos os superlativos atributos que alguém pode considerar, mas o Iorubá não pensa que Tal Ser não possa fazer, permitir ou causar o mal. Ele é parte dos atributos do Supremo Ser para que Ele possa utilizar todas as coisas.” (Bewaji, 1988, p. 243)

As implicações destes atributos de Olódùmarè, de que Ele é o mais Poderoso Ser, o Criador, O Sábio e Imparcial Juiz, que exerce inexorável controle sobre tudo e sobre todos no universo, dentro do contexto de crença Iorubá, o problema do mal cai por terra, por que um Ser com todos os atributos, como dito acima, é concebido como capaz de ambos, o bem e o mal. Ele usa ambos, para o fim último de um bom governo do universo (Idowu, 1962, p. 76). De fato, dizer que Deus não pode fazer o mal é, desnecessariamente, delimitar Seu poder. A esse respeito, afirmamos anteriormente em outro trabalho:

“Igualmente, alguns dos atributos de Olódùmarè são diametralmente opostos com os do Deus cristão. Consequentemente, algumas dos problemas e teorias que surgem no Cristianismo, não surgem para os africanos ... as fontes mal do são criadas por Deus e ajudam a manter os altos padrões morais. O Deus

cristão é sempre misericordioso, lento para irar-se, mas rápido para perdoar (de fato Ele não deseja a morte do pecador, mas que se arrependa e seja salvo), enquanto que, o Iorubá Olódùmarè é um Deus moralmente correto, que faz a justiça aqui na terra, não depois, onde não temos a certeza que alguém testemunhará e aprenderá com ela. (Bewaji, 1985, p. 343 e 345)

Todos os estudiosos que temos considerado concordam que o mal, como tal, não é compreendido. Nada é intrinsecamente mal. Nós chamamos algo de “mal” por que ele não nos favorece, ou porque ele nos causa aflição. Nós podemos não saber ou entender o motivo do acontecimento ou ação; em última instância, ele faz parte do total desígnio de Olódùmarè. Seus atributos não excluem o instrumento e uso do mal para o aperfeiçoamento da sociedade. Deus é o Criador, Ele criou todas as coisas, positivas e negativas. Porque? Nós não podemos saber. Seus caminhos são incompreensíveis.

Deus é o mais poderoso Ser, por isso, Ele faz e pode fazer qualquer coisa, incluindo o bem e o mal. É apenas natural que o mais Poderoso Ser não tenha impedimentos, especialmente na execução da justiça. Deus é Todo Saber (Onisciente) e conhece todas as coisas. Ifá o ajuda neste respeito como um agente que Ele criou como o repositório de sabedoria e conhecimento. Não há conflito em dizer isso. Ele permanece como total Controlador deste ser a quem Ele confiou sabedoria. Isto é o contrário do Deus cristão, que após ter dotado Satã com poderes, perdeu o controle sobre ele.

Finalmente, Deus é o Juiz, Ele julga a todos de acordo com seus atos, Ele recompensa a retidão e pune o mal. Assim, Olódùmarè está muito mais próximo do Jeová do velho testamento em seu requerimento de honestidade e retidão. Isto assegura lei e ordem na sociedade envolvida. Quando o Deus cristão foi introduzido [na cultura Iorubá], tornou-se fácil pecar num dia, e ter seus pecados perdoados no dia seguinte através de uma especial ação de graças. Esta introdução criou espaço para uma permissividade que nunca antes havia sido vista na sociedade Iorubá. Um abismo foi criado onde não há ponte. Hoje, as pessoas juram sobre a bíblia e o alcorão, sem escrúpulos, mas recusam-se a fazer o mesmo sobre Ògún, Sàngó, ou qualquer outra divindade. Eles encontram um conveniente, mas dúbia desculpa, para depreciar, numa justificativa culturalmente escravi-

zada, que Sàngó ou Ògún são cultos de ídolos. Em uma explanação semelhante sobre a religião Igbo, Onuoha diz que:

“A religião tradicional não faz apologia para contra a lei da retribuição. Cada ato de imoralidade corrompe o balanço da ordem ontológica, e Deus ordenou que a lei do efeito recíproco restaurará esta ordem automaticamente. Esta lei age cegamente como um reflexo ou um bumerangue. A dor decorrente de todo crime precisa ser aplicada. A justiça de Deus não pode ser comprometida. Este sistema de justiça previne o crime e as tendências criminosas na sociedade.” (Onuoha, 1988, p. 384)

Questões podem ser levantadas considerando as questões puramente filosóficas, de como nós discernimos a lei ordenada por Olódùmarè, e como a lei opera, e se uma lei divina não é mais fraca que um sistema de leis feitas pelo homem.

Alguém pode, entretanto, argumentar que estas questões acadêmicas não tem nenhuma relação direta com os problemas da vida comum. Estas questões de plano puramente acadêmico são relevantes para qualquer base moral e teológica, não apenas para um sistema moral tradicional. De qualquer forma, que mais justificativa alguém precisa para o anarquismo e a criminalidade – fenômeno que era raro nas sociedades africanas tradicionais – problemas que agora assolam as assim chamadas – sociedades civilizadas – que adotam as religiões teístas [cristãs].

É por isso que alguns estudiosos têm exaltado em seus escritos referências ao antigo bom passado da África. Não estamos dizendo que não há pontos escuros no passado africano; existiram guerras e atividades criminosas, mas estas foram facilmente controladas. De fato, ninguém deliberadamente faz o mal e consegue ficar ileso. Os rituais apazíguam atos de omissão ou erros, abrandam a punição, e é o pagamento por crimes e erros cometidos. Se os antigos sistemas de juramento e acordos contratuais pudessem ser restabelecidos, poderíamos testemunhar uma melhor distribuição da justiça e uma redução do crime.

Assim, a crença da punição do homem ainda nesta vida aumenta o bom comportamento, mais do que acreditar na punição na outra vida, sabe-se lá quando. Os iorubás acreditam que aqueles que cometem um crime em segredo, sofrem secretamente em silêncio. Além disso, esforços são feitos para expiar os crimes, pois eles mancham o criminoso (òdàrà̀n), sua família (ebí), seus ancestrais (baba-nlá-nlá), seu clã (ìdílé) e sua sociedade (egbé). Ofensas graves chamam a morte e excomunhão, marcando as futuras gerações. Os rituais, como uma convenção não registrada, são mais eficientes que todos os códigos legais promulgados e eliminam a possibilidade de um advogado esperto buscar brechas na lei, dentro de um sistema de exploração.

Finalmente, quando alguém considera este sistema, e o entendimento de divindade, mal e justiça, reconhece que ele tem mais justificativas racionais e mais base humanitária do que a permissividade que tem corroído todas as normas de decoro e comportamento na presente sociedade. Para mim, é mais razoável, o uso de uma suposta existência de uma divindade justa que pune aqui e agora, do que a punição sobre as futuras gerações, como diz o velho testamento, que permite ao pecador continuar pecando, até que um dia se arrependa. Assim, a crítica dos Iorubá para a nova crença, é que antes do malfeitor ser punido na outra vida, muitas coisas boas e sérias foram aqui estragadas.

ÈSÙ E OLÓDÙMARÈ: INTERPRETAÇÕES CONFLITANTES

O usual entendimento e interpretação de Èsù é que ele é uma das divindades maiores entre o povo Iorubá. Conforme Idowu:

“Èsù é, a princípio, o agente especial de comunicação entre o céu e a terra, o inspetor-geral que relata regularmente para Olódùmarè as ações das divindades e dos homens, checa e relata minuciosamente sobre a exatidão do culto em geral, e os sacrifícios em particular.” (Idowu, 1962, p. 80)

Isto claramente mostra que como uma divindade capaz de fazer seus deveres como encarregados por Olódùmarè, Èsù ocupa uma proeminente posição entre as divindades. He

realiza estes deveres sem favorecimento. Assim, Èsù é um bom ministro de Deus. Ele é o executor [da Lei] que assegura a proteção ou a punição aconteçam em qualquer ação. Ele é, por isso, cortejado e até mesmo subornado. Quando tais tentativas falham, na intenção de corromper o justiceiro e executor divino, e os faltosos recebem a punição merecida, chamam Èsù de diabo ou satã, principalmente após o advento do cristianismo e do islamismo. As novas religiões procurando por uma equivalente do diabo ou satã [de suas religiões], encontraram em Èsù alguém conveniente.

Idowu, a respeito do que foi dito acima, foi ainda compelido a defender o ambivalente entendimento de Èsù, quando diz:

“Há um inequívoco elemento de mal em Èsù, motivo pelo qual ele tem sido predominantemente associada com as coisas demoníacas. Há aqueles que dizem que a função primária de Èsù é estragar todas as coisas. Mas mesmo assim, nós não podemos chama--lo de diabo ... pois o elemento de mal que existe em Èsù pode ser encontrado no mesmo quilate na maioria das outras divindades”. (Idowu, 1962, p. 83)

A indecisão registrada nesta, e em muitas outras passagens nos trabalhos de Idowu, providenciaram material para caprichosas interpretações e depreciações. Equivocadamente, Dopamu, em seu recente livro *Èsù: The Invisible Foe of Man*, trabalhado extensivamente, mas, no meu entender, sem sucesso, apesar da competência e erudição intelectual que ele mostrou, para chegar a tão desejada equivalência cristão e muçulmana, de Èsù com Satã. (Dopamu, 1986)

Esta tendência também está presente em um trabalho anterior de Dopamu em coautoria com Awolalu, onde ambos comentam o reconhecimento de Idowu com a ambivalência de Èsù (Awolalu & Dopamu, 1979, p. 82-83). Mas a insatisfação de Dopamu com esta confusão e indecisão do material coletado para escrever o livro, foi o que abriu caminho para mostrar a completa equivalência de Èsù com satã em seu próprio trabalho [acima citado]. Por isso, ele diz:

“Na crença Iorubá, Èsù é frequentemente associado com o poder do mal referido por Idowu. E é neste sentido que nós reconhecemos Èsù e trabalharemos com a nossa exposição de sua figura, natureza e caráter.(Dopamu, 1986, p. 13)

O projeto de Dopamu teria servido a uma dupla finalidade, se tivesse tido sucesso. **Primeiro**, ele deveria ter apresentado uma intelectual justificativa para a gratuita e maliciosa tradução de Èsù como diabo ou satã, e ao mesmo tempo, uma explicação introdutória do problema do mal para dentro de uma cultura e ambiente religioso estrangeiro. **Segundo**, deveria ter efetuado um trabalho acadêmico acurado de um tema que é de interesse de investigação de muitas disciplinas. Vamos examinar as alegações de Dopamu para igualar satã com a divindade Iorubá Èsù. São eles:

- a) Èsù é satã porque as escrituras do cristianismo e islamismo assim dizem.
- b) O povo Iorubá parece ter aceito esta equivalência por cristãos e muçulmanos.
- c) Os Iorubá afirmam que originalmente Èsù não era intrinsecamente mal, mas ele foi desobediente e arrogante, e veio a ser a personificação, sempre opondo e destruindo o que é bom.
- d) Como os Iorubá não colocam a responsabilidade do mal sobre Olódùmarè, então Èsù precisa ser a causa, junto a seus agentes.
- e) Como Èsù é infinitamente versátil e caprichoso, sua natureza maldosa sobrepõe-se a sua bondade.
- f) Awolalu e Dopamu acreditam que há um elemento de mal em Èsù. Por isso, Dopamu conclui que Èsù é o satã ou diabo do novo testamento – um excluído ser do mal.

Estes não me parecem ser argumentos convincentes para, sobre o qual, ancorar uma conclusão crítica da religião, metafísica, moral, cultural e linguística, de que Èsù é o satã. Na realidade, esta é a tradição Iorubá da sua mente.

Primeiro, as escrituras traduzem satã como Èsù, mas não justificam tal tradução. Na

procura pelos religiosos estrangeiros para um equivalente apropriado de satã, a divindade mais próxima foi escolhida, sem reconhecimento das diferenças, e sem nenhuma explicação. Tal tradução é totalmente arbitrária e uma mera conveniência. Muitas palavras iorubás têm sido similarmente traduzidas, permitindo a continuação da comissão do erro, do mau entendimento, da má interpretação, e confusão, contra o qual Sodipo e Hallen (1986, p. 15-39) avisam no primeiro capítulo de seu seminal livro. Lá, seguindo Quine, eles argumentam contra a imprecisa tradução palavra por palavra de um termo linguístico dentro de outro, por causa da indeterminação do significado entre a primeira e a segunda língua.

Segundo, o fato dos iorubás terem aceitado a tradução apresentada, não significa que tradução é precisa. Uma mentira repetida muitas vezes, facilmente se faz parecer uma verdade. Isto é muito mais comum do que parece o caso, pois, diariamente, os professores religiosos falam aos ouvidos dos Iorubá que eles estão errados desde o início na sua concepção de Èsù, enquanto que as escrituras estão certas. O medo da eterna condenação no fogo do inferno (também um novo fenômeno no terreno religioso do povo Iorubá) assegura o silêncio, mesmo em face de uma flagrante falsidade.

Terceiro, a afirmação de ser Èsù, premeditadamente ou maliciosamente desobediente ou arrogante para Olódùmarè, uma acusação sem provas, resulta da queda bíblica de Lúcifer. Ele pode ser atrevido por que ele assegura a justiça sem temor ou favorecimento, mas nem Idowu, nem Awolalu, nem o próprio Dopamu, tiveram habilidade para reconhecer isto. A passagem que Dopamu refere-se dentro do trabalho de Lijadu (1908, p. 18-21) mostra que, ao contrário do indomável satã das escrituras, ambos, Olódùmarè e Òrúnmilà podem e tem sempre sido hábeis para dominar Èsù. A tradição mostra que Èsù é um indispensável amigo de todas as outras divindades e um intermediário entre o òrun (céu) e o ayé (terra). Onde então está a equivalência entre o Èsù Iorubá e Satã?

Quarto, vamos para uma questão crucial que merece uma muita atenção. Dopamu, atribui aos Iorubá um conceito de fé, que Deus não se utiliza do mal. Implicitamente, isto

significa então, que seria Èsù o responsável por todo mal. Entretanto, ao contrário do que tem afirmado Dopamu, temos repetidamente dito que os Iorubá acreditam que Olódùmarè utiliza-se de ambos, o bem e o mal, para assegurar a justiça. Em assim fazendo, Èsù é o instrumento usado em larga medida. Ele realiza a vontade de Olódùmarè a maior parte do tempo. Ele pode favorecer ou desfavorecer alguém, de acordo com a probidade moral e o interesse individual. Se Olódùmarè ordena uma lei, se as divindades, os ancestrais, e a sociedade fazem leis, e alguém as quebra, qual o melhor oficial que pode executar a lei, que o legítimo zelador da lei? É isto o que Èsù faz. A absoluta polaridade do bem e do mal não faz sentido, se estiveram separadamente atribuídas a um ou outro, Èsù ou Olódùmarè.

Quinto, a variadíssima versatilidade de Èsù resulta do trabalho confiado a ele, enquanto que a caprichosidade atribuída a ele está baseada no fato de que, ninguém poderá saber se alguém quebrou a lei ou não [exceto Èsù]. É somente quando o sofrimento ou um revés acontece, é que a pessoa suspeita, se a lei foi ou não, quebrada. Finalmente, o fato de alguém acreditar que alguns elementos de mal existem em Èsù e em outras divindades, não tornam todas as outras divindades em seres maldosos, e nem fazem de Èsù um ser do mal. É necessário enfatizar que os Iorubá acreditam que ambos, bem e mal, andam lado a lado.

Como este ensaio é primeiramente interessado em mostrar Olódùmarè como tradicionalmente acreditam os Iorubá. O fenômeno de Èsù é apenas uma relevância secundária. Por causa de sua ligação com o problema do mal, alguém pode concluir esta seção com alguma referência cruzada de materiais. De relevante, aqui, é a discussão de Onuoha, sobre a religião Igbo dentro dos assuntos relacionados. Ele diz:

“Eles não tem uma personificação do mal, pois eles compreendem que o mal é uma imperfeição, uma não-entidade, a ausência do bem. O mal não requer uma causa. Foram os cristãos que elevaram Ekwensu à posição de antideus ou satã. A religião Igbo não tem lugar para um 'mal encarnado' ou demônio, que não faz nada a não ser o mal.” (Enuoha, 1988, p. 382)

Similarmente, Mugo Gatheru sugere:

“Quando os missionários trouxeram a bíblia para os Kikuyu, nosso povo compreendeu o antigo testamento de forma correta, pois os costumes dos antigos judeus eram muito similares aos nossos. Como o povo hebreu antigo, os Kikuyu é um povo temente a Deus. Eles não tinham noção, é claro, sobre Jesus Cristo, o Espírito Santo, ou o diabo ... Eles não tem o diabo. (Gatheru, 1964, p. 5-6)

Estas passagens representam a situação entre muitas sociedades tradicionais africanas. Mas a influência da fé e a necessidade de explicar o fenômeno em uma nova língua afetou o entendimento e interpretação da religião e cultura do povo iorubá. A importância disto socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente, etc., assim como outras influências, apenas começou, para ser sentida agudamente como possibilidade para desintegração da Nigéria e outras sociedades africanas. Sobre isso, as palavras de Babayemi são extremamente relevantes. Ele diz:

“Precisa-se compreender que no cristianismo e islamismo existe a estrutura de oposição entre Deus e o diabo, ou seja, as forças do mal constantemente confrontando os trabalhos de Deus para destruí-lo. Mas esta estrutura de oposição não existe na concepção africana. De fato, o Èsù Iorubá não pode adequadamente representar o diabo cristão ou o satã islâmico; Èsù não está em oposição aos trabalhos de Deus.” (Babayemi, 1984, p. 6)

CONCLUSÃO

Neste ensaio tentamos mostrar que a imposição das interpretações estrangeiras sobre Olódùmarè criou dilemas que não estão resolvidos e aparentemente insolúveis, gerando o ateísmo e o agnosticismo. Também argumentamos que isto deixou prejuízos sociais, morais, econômicos, políticos, e culturais. Assim, existe aqui a implícita chamada para a reavaliação dos Iorubá e outras sociedades africanas, para um retorno cultural, mas não com a intenção de voltar para a “idade das trevas”, mas construir uma sociedade humana, obediente à lei, e respeitável.

A discussão de alguns dos atributos de Olódùmarè serve somente para acentuar o fato de que o conceito do mal das tradições judaico cristãs, não existe na cultura ioruba legada pelos nossos ancestrais. Em resumo, não existe o diabo na religião iorubá. Os trabalhos pioneiros dos primeiros teólogos e pesquisadores africanos precisam ser tomados como “iniciais”, e não como o ponto final de todas as pesquisas e investigações, para serem repetidos papagueadamente como as únicas verdades.

BIBLIOGRAFIA

ABIMBOLA, Wande - *Ifa: An Exposition of Ifa Literary Corpus*, Ibadan, Oxford University Press., 1976

AWOLALU, J. O. & DOPAMU, P. A. - *West African Traditional Religion*, Ibadan, Onibonoje Press, 1979.

BABAYEMI, S. O. - “African Concept of God, The Cosmos and Man: A Yoruba Example”, in: *Institute of African Studies Seminar Series*, Ibadan, V. 8, Feb. 1986.

BEWAJI, J. A. I. - “African Beliefs” in: OYENEYE & SORENI (eds.) *Nigerian Life and Culture*, Ago-Iwoye, OSU, 1985.

_____ “Human Knowledge and the Existence of God”, in: MOMOH, C.S. & (eds), *Nigerian Studies in Religious Tolerance*, Vol. IV, Lagos, CBAAS/NARETO, John West, 1988.

DOPAMU, P. A. - *Èsù: The Invisible Foe of Man*, Ijebu-Ode, Shebiotimo Press, 1986.

GATHERU, M. E. - *Child of Two Worlds*, London, 1964.

HALLEN B. & SODIPO, J. O. - *Knowledge, Belief and Witchcraft*, London, Ethnographica, 1986.

IDOWU, E. Bolaji - *African Traditional Religion*, London, SCM Press, 1973.

_____ - *Olódùmarè: God in Yoruba Belief*, London, Lognmans, 1962

KATO, B.H. - *Theological Pitfalls in Africa*, Kenya, Evangel, 1975.

LIJADU, E. M. - *Òrúnmilà*, Ijebu-Ode, 1908.

MBITI, J.S. - *African Religion and Philosophy*, ondon, Heinemann, 1969.

_____ - *Concept of God in Africa*, London, SPCK, 1970

ONUOHA, E. - "The Philosophy of Igbo Religion", in: MOMOH, C.S. & (eds), *Nigerian Studies in Religious Tolerance*, Vol. IV, Lagos, CBAAS/NARETO, John West, 1988.

P'BITEK, Okot - *African Religions in Western Scholarship*, Kenya, 1970.

PARRINDER, G. - *African Traditional Religion*, London, SPCK, 1969.

_____ - *West African Religion*, London, Epworth Press, 1949.

SONTAG, F & BRYANT, M.D. - *God: A Contemporary Discussion*, New York, the Rose Charon Press, 1982

WESTERMANN, D. - *African and Christianity*, Oxford, University Press, 1937

ADENDO DO TRADUTOR

Dopamu

Uma das fontes citadas por Bewaji, o livro *Èsù: The Foe of Man*, do pastor evangélico P. A. Dopamu, publicado em 1986, foi traduzido para o português por Iyakemi Ribeiro, professora doutora da Universidade de São Paulo, e publicado no ano de 1990, em São Paulo, pela Editora Oduduwa, do também ioruba Síkirù Sàlámì, professor de religião iorubá, no Centro Cultural Oduduwa, também em São Paulo. Este livro, a partir da edição em português, foi objeto de estudo e crítica por Luiz L. Marins, no capítulo “Èsù Òta Òrìsà, um estudo de oríkì” no livro *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu*, organizado por Aulo Barretti Filho, professor de Religião Afro-brasileira da Funaculty – Fundação de Apoio à Cultura e Tradição Yorùbá, e publicado pela Edusp, em agosto de 2010. O estudo mostrou, tal qual demonstra Bewaji, a manipulação pelos iorubá evangélicos dos textos tradicionais do referido oriqui, na intenção de dar-lhe o sentido que queriam, isto é, de que Èsù seria o diabo, o satã, e o inimigo a ser combatido.

Sincretização

Segundo o professor e Babalorixa Aulo Barretti Filho, da Funaculty <<http://aulobarretti.wordpress.com>> a sincretização de Èsù com o diabo iniciou-se quando houve a necessidade de traduzir a bíblia para o Ioruba (comunicação pessoal). O dicionário do Reverendo T. J. Bowen, baseado no vocabulário inicial do também Reverendo Samuel Crowther, um ioruba capturado ainda jovem e que foi transformado em bispo evangélico, foram os marcos iniciais da sincretização utilizada pelos invasores cristãos na intenção de introduzirem o conceito de demonização de Èsù nas terras Iorubá.

O recurso do mal

Quanto ao conceito iorubá de que Olódùmaré utiliza-se do bem e do mal para manter a ordem, a paz e a justiça, conforme mostrou Bewaji, deve ser analisado pelos afro-brasileiros com o olhar da tradição Iorubá. O recurso do mal utilizado por Olódùmarè, é o recurso do mal corretivo, o mal punitivo, o mal justo e reparador, visando manter a ordem, a paz, a justiça, a tradição, o respeito às coisas divinas, aos anciões e aos governantes. O mal pelo mal, o mal pelo pagamento, o mal pela feitiçaria, o mal absoluto pelo simples prazer de fazê-lo, são punidos na cultura ioruba tradicional até mesmo com a sentença de morte, conforme relatou Bewaji. Portanto, recomendamos bom senso no entendimento deste conceito filosófico da religião Iorubá.